

AO: Artigo de Opinião



Liberdade

*«Livre não sou, que nem a própria vida
Mo consente.
Mas a minha aguerrida
Teimosia
É quebrar dia a dia
Um grilhão da corrente».*
(Miguel Torga, “Cântico ao Homem”)

O que é a liberdade? Um conceito popular invocado nos mais diversos contextos, como se todos concordassem sobre o seu significado. A liberdade é a faculdade de ser livre e não há ninguém que não o queira ser. Não é preciso complicar o que é simples.

Mas esta é mais a expressão de uma vontade do que uma definição de liberdade, pois pouco diz e nada esclarece. Pelo contrário, o termo não é em teoria, nem na prática, consensual. Marcel Proust diria mesmo que: *cada um designa de ideias claras as que revelam o mesmo grau de confusão que as suas.*

J. M. Domenach, no seu “Justice et Liberté” explica que: *tudo se passa como se o consenso proclamado sobre uma palavra fosse acompanhado de um mal-entendido e de um conflito crescente a propósito das realidades que abrange*». O autor vai mais longe. Defende que a liberdade é uma determinação vaga e abstracta que não se consegue definir, uma experiência passível de ser testemunhada, sobretudo quando somos privados dela, pois: *tal é o paradoxo, e tal a génese, a liberdade desejada na opressão, quando triunfa, estabelece liberdades, ao abrigo das quais se enfraquece, se desvitaliza. Mas quando as liberdades, por sua vez desaparecem, a liberdade ressurge, como uma necessidade e um apelo.*

Etimologicamente, liberdade designa a isenção de um vínculo e traduz-se geralmente no *poder fazer* ou *não fazer*; neste sentido, diz respeito à actividade externa, podendo ser assentida ou circunscrita por causas ou agentes externos de ordem física, civil, política, religiosa ou outras.

*Liberdade, onde estás? Quem te demora?
Quem faz com que o teu influxo em nós não caia.*
(Bocage)

Há também uma liberdade moral ou psicológica, *um querer* ou *não querer*, um poder intrínseco propriedade da vontade, através do qual cada pessoa valoriza, escolhe e decide, por sua iniciativa, a sua conduta.

Para os clássicos a liberdade baseia-se no *poder de escolha*, determinando-se pelas decisões tomadas. Para os modernos a perfeita liberdade é determinada pela Razão, já que as escolhas são (podem ser) um tanto arbitrárias e se limitam a optar por um ou outro caminho. Bousset diria que: *posso mover a mão para a direita ou esquerda, sem que nenhuma razão me incline mais para um lado que para o outro; logo, a única causa da minha escolha é a minha vontade.*

Um ser perfeitamente livre nem precisa escolher. Para ele só há uma atitude inteiramente racional e, portanto, absolutamente voluntária e livre. Daqui decorre a moderna distinção entre livre arbítrio e liberdade.

O livre arbítrio é o poder de se determinar independentemente das razões. A liberdade é o poder de se determinar em face de razões devidamente apreciadas pelo sujeito.

Através da análise introspectiva do acto voluntário, os seres humanos são livres em função da possibilidade de conceber e deliberar, de decidir fruto de uma reflexão consciente.

Espinoza contraria a autonomia da consciência, reduzindo-a a pura ilusão. Afirma-a determinada pela necessidade e não pela liberdade. Só escolhe ser moral quem é livre para o fazer, pois toda a tendência do mundo impinge outro procedimento. Aliás, se a moral exprime o que o indivíduo deve cumprir, pressupõe que se pode fazer algo (completamente) diferente, exigindo portanto liberdade de opção. Sem liberdade não poderá haver moral.

Quem nega a liberdade na teoria, poderá evidenciá-la na prática. Ou será que quem se diz livre, não o vive na prática? W. Blake exclamava em ironia: *oh, a grande meia verdade: a liberdade!*

Quando a experiência é dolorosa e, portanto, não mais tolerada, a identidade ressent-se. Sartre gritava que o seu inferno eram os outros, e que, uma vez consciente da sua vontade, não mais voltaria a deixar subjugar-se.

No texto “As moscas”, Sartre vociferava: *não voltarei a viver sob a tua lei; estou condenado a não ter outra lei além da minha. Não regressarei à tua natureza; todos os*

caminhos que nela se encontram a ti conduzem e eu posso já seguir outro caminho que não seja o meu.

Posto isto, de duas uma: ou parte para a luta ou fuge. Quem enfrenta o desafio com coragem, aspira à liberdade em sociedade o que, por si só, exige tolerância de uns para com os outros. Dostoiewski, em “Os Possessos”, não se coíbe de dizer que: *poderei parecer panfletário, mas serei livre para dizer exactamente aquilo que penso.*

Posto isto, duas perspectivas alternativas de análise. Primeiro, o conceito de “Liberdade Negativa”. Neste caso, o indivíduo não tem amarras desde que nenhum (conjunto de) indivíduo(s) coaja, restrinja ou reprima a sua acção. De acordo com o conceito, a simples incapacidade de não prosseguir o objectivo não é, por si só, um impedimento imposto por outrém, pois pode derivar da mera impossibilidade física ou mental do indivíduo.

A liberdade natural conduz inevitavelmente ao caos social. Admite-se que a sua acção seja limitada pela lei, que deve ser justa e reguladora (do estritamente necessário) para assegurar os valores fundamentais. Nunca devendo ultrapassar um certo limite, neste caso, o mínimo de liberdade pessoal indispensável ao exercício das faculdades essenciais à vida humana). Argumenta-se que deve manter-se uma fronteira entre a vida privada e a autoridade pública.

Segundo, o conceito de “Liberdade Positiva”, em que o indivíduo quer ser dono de si próprio e da sua vontade, para agir com base nos seus interesses e propósitos conscientes. Não por causas que o afectam ou, pior, pela vontade dos outros. Mas como o eu real pode ser entendido como o eu sinónimo do todo social.

A vontade singular passa a ser a vontade colectiva ou orgânica. Quem não for da mesma opinião, será convencido por alguém que supostamente representa o interesse de grupo, afirmando saber o que é melhor para todos, em nome de uma liberdade superior.

Isaiah Berlin, explica que o representante do grupo manipula a resistência individual, para que seja “racional” e “sensato” em nome dos seus próprios interesses. Apela-se a uma vontade racional, uma entidade que deve ser obedecida, por muito que oculta e desmentida pela experiência pessoal. Nas palavras de Berlin: *posso declarar que, mergulhados nas trevas da ignorância, visam efectivamente aquilo a que conscientemente resistem, porque existe dentro deles uma entidade oculta – a sua vontade racional latente ou o seu verdadeiro propósito – e que esta entidade, embora desmentida por tudo o que manifestamente sentem, fazem e dizem, é o seu eu real, de que o pobre eu empírico, no espaço e no tempo, nada sabe ou quase nada; e que este espírito interior é o único eu que merece que os seus desejos sejam tidos em consideração.*

Mas e quem fuge? Da pressão “dos outros”, que considera insuportável; das leis que considera injustas mas obrigatórias, da vida frustrante e claustrofóbica das grandes urbes. Detesta o ciclo vicioso em torno do poder e do dinheiro. Sente-se restringido na sua liberdade pessoal.

Logo, como não pode mudar o mundo, afasta-se. Dedicar-se à contemplação. Imita os antigos eremitas, que habitavam no meio da natureza, sem outras pretensões além de uma vida frugal e simples.

Ou isola-se, não necessariamente dos outros em termos físicos. Vira-se para dentro de si. Refugia-se na imaginação, que é infinitamente livre. W. Blake argumentava que: *aquele que não imagina uma luz mais forte e melhor do que aquela que o seu olho mortal é capaz de ver, não sabe sequer o que seja imaginar.*

Esforça-se por atingir uma auto-emancipação em que, independentemente do local físico em que se encontra, a mente domina. Neste caso, impera a evasão do mundo real. A qual, no limite, é absoluta. Massimo Bontempelli afirmava que: *a verdadeira liberdade é um acto puramente interior, como a verdadeira solidão: devemos aprender a sentir-nos livres até numa prisão, e a estar sozinhos até no meio da multidão.*

Neste caso, o humano não luta pelo que não pode (ou acha que não pode) obter. Se lhe limitam a acção, convence-se a si próprio que, afinal, não queria fazer o que lhe impedem de fazer. Isaiah Berlin explica: *o tirano ameaça-me com a destruição dos meus bens, com a prisão, com o exílio, com a morte daqueles que amo. Mas se eu deixar de estar apegado aos bens, se não me importar de estar ou não prisioneiro, se tiver morto dentro de mim as minhas afeições naturais, então ele não me pode vergar à sua vontade.*

Existe outra situação possível. Não a da fuga para dentro, mas a fuga para a frente. Neste caso, temos auto-realização, em que o indivíduo se prontifica a fazer o que a Razão lhe dita. Independentemente do que disserem e fizerem para que mude de ideias.

Sejam quais forem as barreiras, o objectivo traçado é para cumprir. Por uma questão de brio pessoal. Como o fim almejado é racional, a vontade visa o que é certo, pelo que a acção do indivíduo, mesmo aquando contra as regras ou costumes sociais, nunca é vã. Pode teimar, mas gloriosa. É a chamada libertação através da Razão.

Que concluir? Os seres humanos têm mecanismos de defesa. Possuem diferentes formas de lidar consigo próprios e com quem os rodeia. Somos milhões, em cerca de duzentos países

Não há alternativa a não ser dividir e subdividir o nosso espaço com terceiros. Por muito que não se queira, a tensão é evidente. A ansiedade inquietante. O stress transparente. Geram-se conflitos, tão mais intensos quanto menor o espaço de manobra à disposição do indivíduo.

Conscientes da própria vulnerabilidade planetária, a convivência desemboca menos em violência do que seria previsível. Os humanos adaptam-se tanto quanto possível à Necessidade.

O problema é que, em pleno séc. XXI, o ser humano sente-se perdido, sentado em frente ao televisor ou do computador, de olhar fixo no vazio.

Substituí-se o *Penso, logo Existo* de Descartes, pelo: *Existo, logo é melhor que não pense!* Mesmo que o indivíduo deseje raciocinar, suspira arrastadamente por uma liberdade voluntariosa própria da sociedade de consumo, acabando por manifestar um *querer* extremo que a tudo toma por igual, qual tivesse o mesmo valor. Sousa Monteiro resume esse sentimento, com um: *quero filhos, quero vodka, quero um ideal; quero uma casa de campo, quero um gúru, quero um bife de lombo, quero a eternidade, quero um perfume francês mas nunca ouvi da boca de ninguém, isto: quero saber pensar. Penso, logo desisto.*

Há, pois, que contrapor o desleixo. Liberdade não implica o abandono de uma vontade desregrada, perda de sentido. A Liberdade pode ser difícil de definir, entre o nada e o infinito, mas tem um objectivo. E. E. Cummings rebela-se, contra as pressões externas: *não ser ninguém a não ser você mesmo, num mundo que faz todo o possível, noite e dia, por transformá-lo noutra pessoa, significa travar a batalha mais dura que um ser humano pode enfrentar; e jamais parar de lutar.*

Mas as forças alheias ao nosso ser só nos vencem se as deixarmos. O fim último é regressar às origens. A alma é estranha há maioria de nós, demasiado ocupados para lhe conferir tempo, espaço e dedicação. Para reconhecer as suas prioridades.

Curiosamente, a liberdade baseia-se na tomada de decisões simples e quotidianas, e em saber apreciá-las pelo que são. Por exemplo, soltar uma gargalhada quando a felicidade se entranha. Os prisioneiros de si mesmos e do olhar dos outros limitam-se a sorrir.

O ser humano não tem tudo o que quer? Nunca terá, porque é eternamente insatisfeito. Almeja o infinito, para navegar para lá do horizonte e prosseguir os trilhos do arco-íris que cruza o céu depois da tempestade. Abraça o mar e as suas muitas ondas e adormece a imaginar um mundo de possibilidades. Pois então, pelo que mais não seja, será sempre livre enquanto souber sonhar.